**A consistência do imaginário na clínica atual**

**Grupo de investigação**: Gisela Smania (responsável), Carolina Aiassa, Gabriela Dargenton, Beatriz Gregoret, Martín Cottone, Graciela Martínez, Silvina Sanmartino.

**Introdução**

A investigação que enfrentamos desde março desse ano, no marco do VII Enapol, achou como ponto de partida o espírito de revistar os conceitos da psicanálise e os fundamentos da clínica. Nos últimos anos, a comunidade analítica no seu conjunto tem avançado, passo a passo, pela vertente de elaboração que encontra seu suporte no incentivo decidido do último ensino de Lacan e suas reconsiderações, entre rotina e invenção, entre continuidade e descontinuidade. Assim, visando o estatuto do simbólico em nosso século, devindo não apenas ordem nem regulação, mas “um sistema de semblantes que não comanda o real, mas lhe é subordinada” (Miller, *O inconsciente e o corpo falante*, 31); e uma vez visado esse real, em tanto *um* real sem lei, temos hoje que resituar o imaginário a partir dos novos tempos, na tentativa de não ficarmos em uma leitura de época sobre a soberania das imagens, mas partir *ex profeso* de sua qualidade no nó e sua vizinhança iniludível com os outros dois. Só desde ali, poderemos localizar as maneiras em que estes campos da experiência –RSI- têm sido afetados em sua topologia. Em outras palavras, na perspectiva de avançar sobre como se levam hoje essas vizinhanças, essas três propriedades das cordas, para desprender delas os pontos de elaboração clínica nos que pretendemos chegar.

Assim sendo, localizar o que dizemos com “a consistência do imaginário”, fórmula à que aponta oportunamente o titulo de nossa conversação, nos exige dar as voltas necessárias na perspectiva ampla que Lacan deixou aberta, desde o dado inicial do decurso da experiência da identificação no Estádio do Espelho, o júbilo no corpo, a pregnância de uma imagem e sua posta *em-forma*; passando pela operação que o simbólico impõe no corpo, fazendo com que os significantes se elevem deixando as suas ranhuras; isto, não sem o recorte dos objetos em tanto pedaços, recantos, refúgios do gozo nas bordas do corpo, encravados a este –como flores em um vaso- via a imagem unificante; pistas que conduzem à questão da afetação do corpo, à consistência imaginaria o tropeço com *alingua* e o mistério do real que o habita.

Para referirmos então ao estatuto do imaginário, parece-nos fundamental localizar como já estava presente para Lacan –desde sua primeira intuição no espelho- o poder “real” de uma imagem, “seu poder de realização” (Brousse M.-H, *Corpos Lacanianos*). Ou seja, que o imaginário não tem estado ali em nenhum momento para designar nenhum tipo de imaginária, mas para tomar conta de sua consequência real, “mas essa imagem confusa não deixa de comportar afetos, para chamar as coisas por seu nome” (Lacan, *O Sinthoma*, 146), designando a relação que cada um pode estabelecer com seu corpo.

Este é o contexto desde o que procuramos instalar as coordenadas de nossa discussão, assumindo como hipótese uma primeira afirmação: o imaginário é o corpo. Referir ao imaginário, como tal, ao corpo e sua economia de gozo[[1]](#footnote-1) nos permitira - seguindo o convite de J. –A. Miller- extrair as consequências dos casos que hoje recebemos, por tanto impõem dar ao corpo cada vez uma função mais relevante. No entanto, visamos formalizar a maneira de tratar com cada *falasser* aquilo que constitui a relação originaria ao próprio corpo, a maneira em que cada um se torna “proprietário de Um-corpo” (*O Ultimísimo Lacan,* 107).

O que podemos hoje situar do esforço incessante de cada um por dar-lhe consistência ao corpo, ali onde verificamos maneiras de gozar que já não se atrelam ao Outro? Como se tem hoje um corpo, mais além das “virtudes simbólicas que destilava o amor ao pai” (107)? O que estatuto dar-lhe às formas de “*corporizarão* contemporânea quando dizemos que o Outro não existe” (Miller, *La experiencia de lo real…*, 397)?

**Cinco pontos**

Propomo-nos a partir destas primeiras questões, cinco pontos de discussão. Cada um demarca a sua maneira, balizas decorridas de nosso trajeto de leitura. Nem de longe, estes cinco pontos pretenderam ser conclusivos, pelo contrário, eles estão prontos para serem utilizados, para ser desagregado um ao outro, de modo a incentivar a conversação:

1. ***Há* a relação corporal, diante ao *não há* a relação sexual.**

Se dissermos que para um sujeito é possível *uma* relação ao corpo, a “relação corporal” pode ser pensada, como primeira conjectura, em tanto “o que há”. Para referir-se a “o que há”, Lacan localiza seu sintagma fundamental “Há Um” (… *O peor,* 126), entendendo que o que vem ao primeiro plano com o primado do Um é o gozo, o gozo do corpo. Podemos afirmar que essas formas de dizer: “o que há”, “há Um” ou “há a relação corporal” (Miller, *Piezas sueltas*, 416), vem ao lugar de “não há relação sexual”. Porém, sabemos que não há relação possível ao corpo que não seja suportada, mas sob o erro estrutural do sexual, que não há proporção nem harmonia escrita no corpo, ou seja, que o que “há” da relação ao corpo, não deixa suprimida a constatação do que não. Neste sentido, é preciso advertir que o consistente da dimensão do corporal, não é justamente “o compacto”, pois sempre haverá em definitiva um corpo touro, furado. Isso determina que “a propriedade do corpo” sempre se coloca sobre um fundo de *extimidade* iniludível. Do contrário, não verificaríamos na clínica o esforço dos sujeitos por “ter” um corpo, por inventar uma relação possível com ele.

Já em seu Seminário *Mais ainda* Lacan afirmará: "Não há relação sexual, há gozo" (90). Por sua parte, sua jaculação “Há Um, o Um sozinho” (82), será a fórmula que entroniza a cara de um gozo não dialectizável. Embora sua empresa de inserir na experiência o Um do gozo pode achar-se a partir do Seminário… *O pior*, já presente em *Os Quatro Conceitos Fundamentais…* -à luz de sua exposição sobre a holofrase- Lacan visa uma relação corporal especial, que não apela pelo sentido, que se resiste a toda apertura dialética, e coloca ali de maneira enigmática a solidez do fenómeno das psicossomáticas, quase como um antecipo do campo do Um. Qual é o alcance que podemos outorgar-lhe hoje neste terreno clínico, poucas vezes abordado por Lacan, diante –por exemplo- dos fenómenos crescentes de doença celíaca ou debutes diabéticos em púberes e adolescentes, que só encontram uma borda vivível no corpo, um ponto de basta via um regime na alimentação, ou via o artificio, o pequeno ritual, a picada, a operação da medida de insulina, etc.?

1. **Tem-se um corpo, mas não se é um corpo em nenhum grau.**

Para nomear esta segunda conjectura nos servirmos da expressão de Lacan em seu Seminário *O Sinthoma* (147), útil na hora de localizar que o fato de ter um corpo não é em absoluto algo natural, no entanto que requer da operação de cada um para lhe dar consistência. De que ordem é essa consistência? O dicionário da RAE[[2]](#footnote-2) define a consistência como “aquela qualidade da matéria que resiste sem quebrar-se nem deformar-se facilmente”, articulando-a com a coesão e o corpo. Lacan, neste sentido, designa a consistência como “o que mantém junto” adindo –quase como um *witz*- “pobre de nós, só temos ideia da consistência pelo que constitui saco ou trapo”, Lacan afirma que “sentimos nosso corpo como pele, retendo em seu saco um monte de órgãos” (63). Porém, um saco vazio permanece um saco, e “isso que só é imaginável pela ex-sistência e pela consistência que o corpo tem, de ser pote” (18).

Essa referencia “o que mantém junto”, como diferencia-la de “o que enoda” o sinthoma? Para Lacan, neste ponto a relação com o próprio corpo resulta suspeita para o analista, já que o corpo tende a “levantar acampamento” (64), ou pode resultar algo que “exige apenas sair, ser largada como uma casca” (146). O analista encontra assim suas chances, entre a suspeita da consistência imaginaria e a confiança no sintoma como acontecimento de corpo, em sua dimensão de arranjo, de invenção e estofo.

1. **A consistência do corpo é mental**

Para esta terceira conjectura, partimos da expressão inquietante de Lacan em *O Sinthoma*: “a *senti-mentalidade* própria do *falasser* (…) uma vez que ela a sente seu fardo” (63). Também articula à mentalidade -“a *ment-alidade* enquanto mente (...) com o amor próprio e a adoração ao corpo” (64) O que refere com o mental? Que relação guarda o carácter do mental com os pensamentos, que –como bem assinala Lacan em *A Terceira* – eles não são sem o corpo, razão pela qual “se nos enredam nos pés”? Em seu Curso *Peças Soltas*, J. - A. Miller esforçou-se, no entanto, de distinguir estes dois planos do mental e o pensamento, indicando que “enquanto a mentalidade está unida ao corpo próprio, o pensamento sustém uma referência, uma gravitação ao ato sexual, e isto significa que põe em jogo a adoração do outro corpo” (418). Assim é como, no Seminário *O Sinthoma*, é possível avançar na abordagem do falasser, Lacan não diz que ele *pensa* que tem um corpo, porque *crê* que o tem. Aqui vale sublinhar o estatuto da crença, não mais imputada ao dado transcendental da relação ao Outro, mas assumida –em uma espécie de imanência- como adoração a *si mesmo*. Trata-se de considerar a consistência mental do corpo definido como suporte imaginário, crença e envoltura. De alguma maneira, a mentalidade envolve para Lacan uma borda imaginaria e sua inercia, que subtrai ao corpo como “texto” de signos para cada ser falante.

Por outra parte, não é a primeira vez que Lacan adjetiva de “mental” certos fenómenos clínicos e de corpo. Por exemplo: qual atualidade adquire, à luz desta elucidação a “anorexia mental” como maneira de ter e emprestar envoltura a um corpo? Lacan formula esta ideia, quando aborda suas elaborações em este tipo de casos, mostrando a presença de um núcleo real, opaco e irredutível ao campo do Outro.

1. **Ter um corpo não sem o real do tempo**

Esta quarta conjectura nos interessa especialmente, aos fins de situar como “a consistência mental do corpo é realmente afetada pelo tempo que passa perante a eternidade do verbal” (*O ultimíssimo Lacan*, 13). Hoje se trata da experiência de levar o corpo ligado ao devir do tempo, a vida do corpo que se consume, a vida e o corpo confrontados ao acontecimento imprevisto. Ou seja, que “ter um corpo” não é sem o real do tempo, diferente de eternidade do Significante. Neste ponto, como joga sua partida a topologia e o tempo nos casos que levamos? Resulta esse um nó clínico de absoluta atualidade que se traduz, por exemplo, nos medos infantis à morte de si ou do Outro, testemunha de que não há corpo que possa repousar em nenhum tipo de reasseguro, sob “o sentimento que surge dessa suspeita que nos assalta por nos reduzirmos ao nosso corpo" (*A terceira*, 1974/1980, 182). Outros exemplos servem para figurar a tirania e o mais de gozar, no nó corpo-tempo: o pesadelo e a trica infinita dos pensamentos; o imparável na agitação do ato; a *performance* aditiva do sintoma e o fio mortal da mania, ou seu reverso no cansaço dos corpos e sua fraqueza. Se a propriedade de um corpo e “estar vivos” se verifica ali donde "algo se goza" (*Mais ainda*, 32), cada vez mais esse *se goza* requer de artifícios para levar o corpo perante a deriva e a dimensão temporal em jogo. A erótica do tempo incide dessa maneira nos corpos, adquirindo novos releves. Situamos então o valor clínico de este ternário: corpo-tempo-supereu.

1. **O analista acrobata**

Nossa última conjectura será abordada a partir de duas vinhetas clínicas, visando localizar de que modo o analista, com sua presença, pode virar *parceiro* de Um-corpo, para acompanhar no caminho da análise suas “conexões e suturas” (*O Sinthoma*, 71), advertido da borda do exilio radical sobre o que se assentam. Em algumas ocasiões, o analista –prestativo e sensível a contingencia- esta ali para introduzir um mais de vida na relação ao corpo; em outras, para encontrar junto ao sujeito o S1 que *“faz-se de seixo lançado na poça”[[3]](#footnote-3),* para que cada um encontre sua forma singular de andar e desandar o nó.

**Dois detalhes clínicos**

1. **Daguerreotipo século 21[[4]](#footnote-4)**

Uma jovem consulta porque os pais a notam muito descuidada. O diminutivo de seu nome que ela usa como carta de apresentação –“me chamam de Sarita”- contrasta de maneira notável com um corpo obeso e um semblante que não se deixa ordenar pelo tipo ideal de seu sexo. Um corpo que parece não deixar ver rastro por donde for escrito algo da *sexuação.* Mesmo uma atitude que se arrima à “*Zazie no metrô”* de Queneau, em quanto a sua reticência a continuar as convenções sociais. Ela chega carregada de objetos. Cada um -em uma estrita composição de lugar- encontra sua sede de apojatura na superfície do corpo. Trata-se de objetos lançados pelo mercado das ficções mais conhecidas entre os jovens de hoje. O *merchandising* quase em sua totalidade foi povoando seu corpo. Cada sessão aloja essa montagem, dando lugar a um percurso minucioso pela multiplicidade de objetos *a* que cingem o espaço vital de seu corpo. Não há nenhum em particular que designe rota alguma, itinerário, ponto de estofo de um gozo, nem impressão de afeto. É a operação brilho que exerce neste caso os *gadgets* nas bordas do corpo. Tudo esta ali para fazer brilhar o que –poderíamos dizer- brilha sim pela a ausência, a ausência de inscrição fálica.

Por outra parte, um recurso à epopeia delineia seu jeito de falar. Extrai frases de suas leituras e filmes favoritos –ante os que se declara uma verdadeira *Fandom*-e as emula na hora de contar seus assuntos. Como si se tratasse do catálogo das paixões e dos valores que Kant ordenara em seu tempo sob a rubrica do Belo e do Sublime encontrou o tratamento dos mesmos através de uma trama leve de ficções de alcance mundial que encena o mundo humano com os sentidos da verdade, da sinceridade, da erudição, etc. Todos esses elementos nutrem a língua dessa jovem,quem se mostra disposta a levar ao limite a função épica do mito, com narrativas de cenas na quais ela mesma, por exemplo, tem se defendido literalmente ao modo da posta em jogo de uma “luta de morte” –conceptualização de Hegel tomada por Lacan- respeito à relação essencialmente paranoica do sujeito com o outro.

Tem sido surpreendente constatar neste caso o que é uma eleição por parte dessa jovem por tomar um atalho de um dizer afetado. Ante qualquer dimensão do dizer que cobrasse um releve de enunciação, não deixa se agarrar e abre passagem com seu sistema de citas, citações memoráveis ou segmentos de *slogans*. Isso acontece entre sua afetação -como dado real- e o imaginário, encontra rapidamente sua coartada no simbólico, tão universal como débil. Assistimos dessa maneira no que não calça no nó entre RSI, entre a debilidade de certos sentidos, a borda do corpo com esse mais de artificio e a pura cena. Assim ela vai com o analista jogando a partida “entre delírio, debilidade e tapeação” (Miller, O inconsciente e o corpo falante*,* 32).

Aliás, como pode a presença do analista, entre a cautela a audácia, produzir certo consentimento para “meter-se um pouco”, entre os segmentos dessa *alingua* e esse corpo-montagem? Partindo então do que lhe emprestam essas fórmulas universais, em sua língua e no imaginário de seu corpo, o analista a acompanha no trabalho de introduzir certo cálculo nesse panorama tão vasto. Por exemplo, em como usa seu “estilo contestatário” na hora de falar com o outro, ou também como mesmo o outro muitas vezes é quem lhe devolve um traço de “perigosa” que não agrada ela. O assunto de sua posição sexuada permanece como Coisa intratável, enquanto acompanha decididamente seu esforço de por *em-forma* algo da imagem, advertida da economia libidinal que coloca em jogo. O que esse caso ensina e como, mesmo com os objetos sofisticados que a *tecné* que nosso século tem jogado tudo para o espaço para construir-se uma imagem e um mundo, com esses mesmos objetos, alguém enfrenta no laço analítico o trabalho fino, de montagem e desmontagem, para fazer brilhar –como um daguerreotipo- essa peça única na que se constitui.

1. **Como sobrevive um corpo** [[5]](#footnote-5)

Tendo apenas oito anos, e logo de reiteradas consultas médicas e *psi* de toda natureza, há um ano uma médica na que acode por uma inflamação de suas articulações lhe disse que procure o psicanalista. A mãe, abandonada pelo pai da criança quando ainda estava gravida –e de quem não se soube nunca mais o paradeiro- não entende essa derivação e, esgotada, chega à consulta. O analista a ouve só em uma entrevista, permitindo ela saber que estava certa de estar tão cansada, com tantas palavras escutadas e que receberá ao filho; só faz a pergunta se ela sabe qual articulação dói ao garoto. Ela diz: “todas as articulações doem, por isso não se levanta da cama, não consegue, chora silencioso”. O analista diz de falar para ele que tem muita vontade de conhecê-lo, que com certeza ele sabe coisas que mais ninguém sabe e que o esperará apenas for possível vir. A ligação telefônica é feita na semana seguinte dessa operação analítica.

Magro, sem muito aire para falar, se senta cansado e diz, sem mediar pergunta alguma: “não tenho força nenhuma para andar. Você tem uma folha para eu te mostrar como é minha vida?”. Mudo o analista a entrega. Ele diz: “é um caminho, quando quiser se levantar e andar: Cá pum! Não anda, é como uma coisa que se coloca na frente e já não se quer mais nada, não se pode, é…” -e gesticula com seus braços um gesto de esgotamento- Cá pum?!-diz o analista.

“Não anda nada na vida e já não me consigo levantar“ - afirma. -Ah!- exclama o analista, empolgado com o achado e pouco crente no envoltório dele- Estava certa sua mãe quando falou sobre a dor nas articulações. Olha só o segredo que você tem! A vida toda e teu corpo são o mesmo! Isso dói muito…

Assim começa ele um difícil caminho analítico, onde suas articulações começam a tramar uma suplência algo menos dolorida, a cada vez, em cada encontro; no furo produzido pela tristeza materna e a ausência do pai, na qual a mãe não cessa de referi-lo.

Uma referência de Lacan em *Mais ainda* orienta neste ponto: “Que haja algo que funda o ser, certamente que é o corpo (…). Quando se supõe que ele pensa secreto, ele tem secreções; quando se supõe que ele pensa concreto, ele tem concreções; quando se supõe que ele pensa informação, ele tem hormônio. E depois ainda ele se adona pelo ADN, pelo Adonis”.

Como essa criança, que secreta a dor nas articulações que são sós ecos do furo de um corpo que não sustenta mais a vida e a cuja (*a*) posta o analista se dedica cada semana e até agora ele a aceita.

Tradução do Espanhol: Josefina Elias

**Bibliografia**

-Lacan, J. Seminario Libro 19 …*O peor,.* Bs. As.: Ed Paidós, 2012.

Seminario Libro 20 *Aún,* Bs. As.: Ed Paidós, 1991.

O seminário Livro 23 *O sinthoma,* Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2007.

La Tercera*, Lacaniana Nº 18*, Año X, 2015

Conferencia en Ginebra sobre el síntoma, *Intervenciones y textos* 2, Manantial, Bs. As., 1988.

Radiofonia (1970). In: \_\_\_\_\_. Outros escritos, p. 400-447. Tradução

Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Marcus André. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 2003.

-Miller, J.- A*. El Ultimísimo Lacan,* Bs. As.: Ed Paidós, 2012.

*Piezas sueltas,* Bs. As.: Ed Paidós, 2013.

*La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica,* Bs. As.: Ed Paidós, 2004.

Conferência pronunciada por Jacques-Alain Miller por ocasião do encerramento do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), em 17 de abril de 2014, apresentando o tema de seu X Congresso, *O inconsciente e o corpo falante,* Blog da AMP. Disponível em:

[*http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9*](http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9)

Tener un cuerpo*, Lacaniana Nº 17*, Año IX, 2014.

-Mandil, R. A.Parlêtre y consistencia corporal*.* Publicación Virtual hacia el congreso AMP 2016.

-Brousse, M.-H.*,* Cuerpos Lacaniano*s, Conferencia en Granada,* Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=Uq9FNVULsMw](http://www.youtube.com/watch?v=Uq9FNVULsMw)

1. N. de A.: Lacan o dirá com todas as letras em seu escrito *A terceira*: “O corpo entra na economia de gozo através da imagem” (Revista Lacaniana Nº 18, p. 20). [↑](#footnote-ref-1)
2. N.T.: Real Academia Espanhola [↑](#footnote-ref-2)
3. Lacan, J. Radiofonia (1970). In: \_\_\_\_\_. Outros escritos, p. 400-447. Tradução

   Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Marcus André. Rio de Janeiro: Jorge

   Zahar Ed., 2003. [↑](#footnote-ref-3)
4. N. de A.: O daguerreotipo é um procedimento fotográfico, surgido em 1839, para retratar a imagem. A mesma se forma sobre uma superfície de prata polida como um espelho. Trata-se de peças únicas e frágeis que requerem de sumo cuidado e não se devem tocar fora de seu estojo ou caixa de proteção, porque se danam irreversivelmente. [↑](#footnote-ref-4)
5. N. de A.: A propósito da expressão extraída de Lacan, em sua “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, Intervenções e Textos 2. [↑](#footnote-ref-5)